

Tecnologias digitais, infância e corporeidade: desafios e possibilidades na Educação Infantil**Digital technologies, childhood and embodiment: challenges and possibilities in Early Childhood Education**Vânia Rodrigues Nicolau^{*}Luciane Guimarães Batistella Bianchini^{**}Simone Aparecida dos Santos^{***}

RESUMO: O avanço das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC) tem impactado diversos setores, incluindo a Educação Infantil. Nesse contexto, embora as políticas educacionais incentivem a integração das TDICs, é essencial que essa inserção respeite as necessidades do desenvolvimento infantil, pois estudos indicam tanto benefícios quanto desafios nessa adoção. Diante dessa inquietação, este estudo analisa as implicações das TDIC na educação infantil, com base em documentos legais e pesquisas acadêmicas, refletindo sobre seu potencial como aliado do desenvolvimento infantil, desde que aplicadas de maneira planejada e equilibrada. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica fundamentada em documentos oficiais e estudos nacionais e internacionais. Os resultados indicam que a adoção das TDIC deve ser mediada para evitar impactos negativos, como dificuldades na socialização e comprometimento cognitivo. No entanto, quando utilizadas com intencionalidade pedagógica, podem estimular a criatividade e o pensamento crítico. Ainda assim, a corporeidade deve ser preservada como eixo central da aprendizagem infantil, garantindo que a tecnologia complemente, mas não substitua, as experiências sensorio-motoras essenciais ao desenvolvimento físico e emocional da criança.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Infantil. Corporeidade. Tecnologia. Aprendizagem.

ABSTRACT: The advancement of Digital Information and Communication Technologies (DICT) has impacted several sectors, including Early Childhood Education. In this context, although educational policies encourage their integration at this stage, it is essential that this insertion respects the needs of child development, as studies indicate both benefits and challenges in this adoption. In view of this concern, this study analyzes the implications of DICT in early childhood education, based on legal documents and academic research, reflecting on its potential as an ally in child development, provided it is applied in a planned and balanced manner. This is a bibliographical research based on official documents and national and international studies. The results indicate that the adoption of DICT must be mediated to avoid negative impacts, such as difficulties in socialization and cognitive impairment. However, when used with pedagogical intention, they can stimulate creativity and critical thinking. Even so, embodiment must be preserved as the central axis of children's learning, ensuring that technology complements, but does not replace, the sensorimotor experiences essential to the child's physical and emotional development.

KEYWORDS: Early Childhood Education. Embodiment. Technology. Learning.

^{*} Mestre em Educação. Universidade Estadual de Maringá - UEM. ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-6714-5744>. E-mail: vania_vrn@hotmail.com.

^{**} Doutora em Psicologia e Sociedade. Universidade Estadual de Maringá - UEM. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3523-2752>. E-mail: lgbbianchini@uem.br.

^{***} Doutora em Genética e Melhoramento. Universidade Estadual de Maringá - UEM. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7365-6201>. E-mail: assimoni100@gmail.com.

1 Introdução

O início do século XXI foi marcado pelo avanço acelerado e pela ampla adoção das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC), que impactaram diversos aspectos da vida contemporânea – a sociedade, a economia, a cultura, os modos de vida e, especialmente, a educação.

Segundo dados da PNAD Contínua (2024), o uso das tecnologias digitais segue em constante expansão no Brasil. Em 2023, 92,5% dos domicílios brasileiros possuíam acesso à internet, totalizando cerca de 72,5 milhões de lares conectados (IBGE, 2025). Esse panorama evidencia a crescente digitalização da vida cotidiana e o papel central da conectividade no acesso à informação, à educação e aos serviços essenciais.

Nesse cenário, Prensky (2001) explica que a linguagem digital passou a fazer parte da vivência cotidiana da maioria das pessoas, sobretudo de jovens, adolescentes e crianças, sendo capaz, inclusive, de modificar suas ferramentas de aprendizagem e seus padrões de pensamento. Assim, a geração que nasceu imersa nesse universo desenvolveu habilidades peculiares dessa nova realidade, sendo, então, chamadas de “nativos digitais”.

Todavia, embora a sociedade atual esteja intrinsecamente atravessada pelos mecanismos digitais, alguns aspectos permanecem essenciais e imutáveis na realidade humana, como a importância da vivência corporal na infância, que constitui o principal meio pelo qual a criança explora o mundo, estabelece vínculos, expressa emoções e aprende.

Em conformidade com Otto (2016), o corpo é linguagem e mediação essencial para o desenvolvimento integral do indivíduo. No entanto, em uma sociedade cada vez mais digitalizada, marcada pela presença constante de telas de celulares e computadores, as experiências corporais infantis vêm sendo progressivamente silenciadas e substituídas por vivências predominantemente mediadas por dispositivos tecnológicos.

Entretanto, insta salientar que, embora as crianças manipulem com relativa facilidade as ferramentas digitais, muitos adultos e, de modo específico, muitos professores ainda enfrentam desafios significativos para acompanhar esse avanço tecnológico. Essa heterogeneidade, segundo Coelho, Costa e Neto (2018), resulta em diferentes níveis de engajamento e interatividade com as TDIC, que, conseqüentemente, impactam diretamente em como esses dispositivos podem ou não atuar positivamente para o processo de ensino e aprendizado em sala de aula, especialmente, na Educação Infantil.

À luz desse impasse e com vistas a uma resolução, a inserção da Computação na Educação Básica foi implementada em 2018 – e atualizada em 2022 – por meio das diretrizes

da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Essa inclusão visa fomentar o pensamento crítico, a criatividade e o protagonismo dos estudantes, de maneira ética e responsável, por meio de três eixos centrais: Pensamento Computacional, Mundo Digital e Cultura Digital (Brasil, 2022).

Em contrapartida, enquanto os documentos legais orientam o uso de Recursos Educacionais Digitais (RED) desde a Educação Infantil, pesquisas nacionais e internacionais apontam desafios nessa integração. Autores como Paiva e Costa (2015) e Muller e Fantin (2022) alertam para os riscos do uso irrestrito das TDIC por crianças, especialmente quando não há interatividade, mediação adulta ou estímulo ao raciocínio e à criatividade. Segundo esses autores, a exposição prolongada pode impactar negativamente aspectos essenciais, como a concentração, a imaginação e, principalmente, as vivências corporais.

Dessa forma, o tempo de exposição às telas tem sido objeto de estudo. A Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP, 2016), por exemplo, recomenda limites quanto a isso, associando a utilização excessiva a prejuízos no desenvolvimento da linguagem, sono, cognição e interação social. Por sua vez, como uma possível resposta a esses riscos, Carbonera *et al.* (2020) e Figueiredo (2022) defendem a necessidade de alfabetização midiática e mediação consciente, envolvendo famílias, educadores e profissionais da saúde. Ademais, como ressalta Paschoal (2023), a mediação do adulto é essencial para equilibrar o uso das telas e enriquecer as experiências das crianças.

Ainda, Muller e Fantin (2022) reforçam que as TDIC podem tanto ampliar quanto limitar experiências culturais, dependendo da forma como são utilizadas. Paiva e Costa (2015), por sua vez, alertam que o uso precoce e frequente pode reduzir as interações sociais e os movimentos físicos, favorecendo o sedentarismo e o isolamento. Igualmente, L'Ecuyer (2023) e Cintra (2024) ponderam que a exposição excessiva às TDIC pode interferir no desenvolvimento da cognição e da autonomia infantil, prejudicando a curiosidade e o interesse pela realidade.

Ou seja, as respectivas preocupações evidenciam um fenômeno contemporâneo: a progressiva redução do espaço e do tempo dedicado às experiências corporais infantis, tão essenciais ao desenvolvimento. Em outras palavras, o corpo da criança, fundamental para a exploração do mundo e para a construção de aprendizagens significativas, vem sendo gradualmente substituído por experiências mediadas e limitadas aos dispositivos digitais.

Outrossim, estudos internacionais complementam essas preocupações relacionadas ao corpo e ao comportamento infantil, a saber: Desmurget (2022) discute os efeitos do uso excessivo de jogos digitais que pode gerar distúrbios psicológicos e comportamentais.

Pempek, Kirkorian e Anderson (2014) e Cao e Su (2007) indicam que a exposição prolongada prejudica a aprendizagem e o equilíbrio emocional. Miyashita *et al.* (2023) aborda comportamentos emocionais problemáticos (como instabilidade emocional e oposição) e Di Carlo *et al.* (2024) argumentam que o uso excessivo de dispositivos digitais pode resultar em distorções na percepção do próprio corpo, como insatisfação corporal, distração constante e maior ansiedade, sobretudo em crianças e adolescentes.

Por conseguinte, pesquisas nacionais e internacionais, como os de Fang *et al.* (2019), Ramírez-Coronel *et al.* (2023), Maragni (2022), Andrade *et al.* (2024) e Alves *et al.* (2025), alertam que o tempo excessivo de exposição a telas está associado ao aumento do risco de sobrepeso, obesidade, entre outras consequências que podem impactar diretamente a vida dos pequenos.

Quanto ao contexto educacional, é importante diferenciar as TDIC dos Recursos Educacionais Digitais (RED). Para Veiga (2019), os RED, que são criados com foco em apoiar o processo de ensino e aprendizagem, devem ter objetivos pedagógicos bem definidos, linguagem adequada ao público e promover o envolvimento das crianças. Por isso, a proposta é que esses recursos possam se articular com experiências concretas, incluindo atividades que envolvam o corpo, com o fito de permitir que a tecnologia caminhe junto com as vivências que fazem parte do cotidiano da infância.

Perante esse contexto, cabe elucidar que a inserção das tecnologias na Educação Infantil deve respeitar as especificidades dessa etapa, que tem como foco o desenvolvimento integral da criança. Nesse sentido, a Lei nº 9.394/96, juntamente com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (2010), legitima a importância de práticas centradas nas interações, nas brincadeiras e na corporeidade infantil. Além disso, a BNCC (2018) reforça esse enfoque, ao incluir o campo de experiência "Corpo, gestos e movimentos", postulando a necessidade de práticas pedagógicas que promovam a integração entre ludicidade, corporeidade e intencionalidade educativa.

Logo, é possível inferir que cabe ao professor planejar ações pedagógicas que respeitem o tempo e a corporeidade próprios da infância, promovendo vivências significativas que integrem, de forma equilibrada, a exploração, o movimento e a sensorialidade ao uso das tecnologias. Nesse contexto, é essencial reconhecer a experiência corporal como eixo estruturante do desenvolvimento infantil, garantindo que, mesmo em uma sociedade permeada pelas telas, o corpo continue sendo o principal instrumento de aprendizagem, expressão criativa e promoção do bem-estar

Destarte, a partir das ideias apresentadas, questiona-se: será que a crescente presença das tecnologias digitais na infância não estaria contribuindo para silenciar o corpo da criança, afastando-a das experiências fundamentais para seu desenvolvimento integral?

Assim, em face desse questionamento e do crescente uso de tecnologias digitais por crianças desde a primeira infância, este estudo objetiva tecer uma análise crítica acerca das implicações desse fenômeno para o desenvolvimento infantil, especialmente no que diz respeito ao possível silenciamento das experiências corporais. Outrossim, de modo mais específico, almeja-se igualmente investigar de que forma o uso excessivo das tecnologias digitais pode impactar as vivências corporais na Educação Infantil, e, por fim, espera-se identificar como as práticas pedagógicas podem contribuir para promover um equilíbrio entre o uso consciente das TDIC e a valorização do corpo e do movimento na aprendizagem das crianças.

Com esse propósito, portanto, a pesquisa alicerça-se em aportes teóricos e em documentos normativos que norteiam a prática docente, buscando oferecer subsídios para a construção de uma abordagem pedagógica intencional e reflexiva, capaz de promover o desenvolvimento integral das crianças em suas múltiplas dimensões – cognitiva, afetiva, social, cultural e física.

2 Metodologia

Para fundamentar o estudo, adotou-se uma pesquisa de natureza bibliográfica e documental, que envolveu a análise de livros, artigos científicos e legislações pertinentes ao tema. Segundo Fonseca (2002), a pesquisa bibliográfica possibilita uma investigação aprofundada do referencial teórico, constituindo-se como base para formulação e delimitação do problema de pesquisa. Consoante a esse entendimento, Lakatos e Marconi (2003, p. 183) lecionam que “[...] a pesquisa bibliográfica não é mera repetição do que já foi dito ou escrito sobre certo assunto, mas propicia o exame de um tema sob novo enfoque ou abordagem, chegando a conclusões inovadoras”.

Além da literatura acadêmica, realizou-se uma análise documental de legislações e diretrizes nacionais que orientam a Educação Infantil, especialmente aquelas que tratam da centralidade do corpo nas práticas pedagógicas e da inserção das TDIC. Assim, entre os documentos analisados, estão: a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018); a Política Nacional de Educação Digital (2023); a Estratégia Nacional de Escolas Conectadas (2023); e o Guia sobre usos de dispositivos digitais por crianças e adolescentes (Brasil, 2025).

Portanto, a abordagem do estudo é interpretativa e qualitativa, fundamentada na análise crítica de fontes secundárias (bibliográficas e documentais) para compreender os debates atuais e lacunas sobre a inserção das TDIC e o desenvolvimento da corporeidade na Educação Infantil.

3 Resultados

Políticas sobre TDIC e educação infantil

Na Educação Infantil, observa-se uma presença cada vez mais significativa das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC), o que exige – como já mencionado – uma mediação cuidadosa, respaldada por políticas públicas que assegurem sua integração pedagógica de forma segura e adequada.

Assim, em face dessa conjectura, este estudo propõe-se a analisar as principais diretrizes e normativas que orientam o uso dessas tecnologias nesse nível de ensino, buscando identificar desafios e possibilidades, com o objetivo de compreender de que maneira essas políticas favorecem práticas pedagógicas que conciliem o uso das TDIC com a valorização das experiências corporais, sensoriais e interativas próprias da infância

Desse modo, para o êxito dessa análise, foram perquiridos diversos documentos que abordam a inserção das tecnologias na Educação Infantil. Entre eles, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018), a qual estabelece diretrizes gerais para o uso pedagógico das tecnologias na Educação Básica. Em seguida, a Resolução CNE/CEB nº 1, de 4 de outubro de 2022, que incorporou a Computação como componente essencial do currículo, reforçando a relevância do desenvolvimento do pensamento computacional desde os anos iniciais.

Ademais, a análise considerou a Lei nº 14.533/2023, que institui a Política Nacional de Educação Digital (PNED), bem como o Decreto nº 11.713/2023, que institui a Estratégia Nacional de Escolas Conectadas. Ambos os instrumentos buscam garantir infraestrutura adequada e promover a formação continuada dos docentes, assegurando, assim, a integração efetiva das tecnologias digitais no processo educativo. Assim, a seguir, debater-se-á a relevância de cada documento e o seu papel no respectivo período de efetivação.

A implementação da BNCC em 2018 marcou um avanço significativo na integração das tecnologias ao sistema educacional brasileiro, ao estabelecer competências e habilidades essenciais para os estudantes ao longo da educação básica. O documento reconhece a tecnologia como um componente transversal do currículo, fortalecendo seu papel nas práticas pedagógicas e incentivando a utilização de dispositivos digitais, recursos multimídia e

metodologias colaborativas em diversas áreas do conhecimento, ampliando assim as possibilidades de ensino e aprendizagem.

De acordo com Autor 1 *et al.* (2024), a BNCC (2018) define competências gerais e específicas que orientam o processo educativo em todas as etapas da Educação Básica, incluindo a Educação Infantil. No que tange a essa fase inicial, a BNCC também enfatiza a importância de proporcionar experiências que promovam a construção significativa do conhecimento, estimulando o pensamento criativo, a curiosidade, a imaginação, bem como a capacidade da criança de explorar e de compreender o mundo ao seu redor.

Outrossim, a BNCC (2018) dedica especial atenção às tecnologias digitais na Educação Infantil, sobretudo nas competências gerais, com ênfase para o item 5, que aborda a cultura digital. Esse trecho ressalta a importância de compreender, utilizar e criar as TDIC de forma crítica, significativa, reflexiva e ética em diversos contextos sociais, incluindo o escolar. Conforme o documento, o objetivo é possibilitar a comunicação, o acesso e a disseminação de informações, a produção de conhecimento, a resolução de problemas, bem como o exercício do protagonismo e da autoria na vida pessoal e coletiva (Brasil, 2018).

Posteriormente, por meio da Resolução CNE/CEB nº 1, de 4 de outubro de 2022, a Computação foi incorporada à BNCC como um componente fundamental da Educação Básica. Essa inclusão passou a definir diretrizes claras para a integração de competências e habilidades específicas em Computação nos currículos escolares, abrangendo desde a Educação Infantil até o Ensino Médio.

De acordo com o complemento, é preciso preparar os estudantes para os desafios do século XXI, por meio do desenvolvimento do pensamento computacional, da compreensão do mundo digital e da inserção na cultura digital. Para isso, a BNCC propõe a computação como um componente transversal no currículo, integrando-se a diferentes disciplinas para desenvolver habilidades, como a resolução de problemas, o pensamento lógico e a criatividade, por meio de processos computacionais. O documento ainda discorre sobre como o avanço do mundo digital transformou a comunicação, o trabalho e o aprendizado, tornando essencial compreender não apenas o uso da tecnologia, mas também os valores e comportamentos associados à cultura digital (Brasil, 2022).

Entretanto, para que essas políticas alcancem eficácia plena, é imprescindível considerar tanto a infraestrutura das escolas quanto a capacitação dos professores. Por isso, em 11 de janeiro de 2023, foi sancionada a Lei nº 14.533, que institui a Política Nacional de Educação Digital (PNED), que tem como objetivo promover o acesso equitativo às tecnologias digitais, estruturando-se em quatro eixos principais: inclusão digital, formação

docente, educação digital escolar e pesquisa em tecnologias da informação e comunicação. Entre suas prioridades, ressalta-se a capacitação dos educadores em competências digitais, visando o uso eficaz das TDIC em sala de aula.

Ademais, a PNED incentiva a democratização tecnológica, reduzindo desigualdades ao contemplar grupos vulneráveis, como estudantes de baixa renda, pessoas com deficiência e moradores de regiões remotas. Com isso, ela visa integrar a tecnologia à educação de maneira ética, crítica e alinhada às demandas contemporâneas. Esse aspecto é essencial, pois um dos desafios centrais da inserção das TDIC na educação infantil é a capacitação dos professores para utilizá-las de forma intencional e equilibrada.

Por conseguinte, há a Estratégia Nacional de Escolas Conectadas, instituída pelo Decreto nº 11.713, de 26 de setembro de 2023, que objetiva garantir a conectividade para fins pedagógicos e apoiar a aquisição e a modernização de dispositivos e equipamentos em todas as escolas públicas de educação básica do país. Essa iniciativa tem como meta assegurar que, até 2026, todas as escolas públicas estejam conectadas, possibilitando a realização de atividades pedagógicas e administrativas on-line, além do uso integrado de recursos educacionais digitais ao currículo escolar.

Nesse viés, cabe pontuar que embora o intuito seja a promoção da equidade no acesso às tecnologias, a eficácia dessa estratégia dependerá da forma como os dispositivos serão incorporados à rotina pedagógica, evitando que seu uso se restrinja a aspectos superficiais ou meramente recreativos.

Em 2025, o Governo Federal lançou, com o apoio da Unesco e de diversos ministérios, o “Guia sobre usos de dispositivos digitais por crianças e adolescentes”, que compila orientações fundamentadas em estudos, consultas públicas e escutas junto a famílias, a educadores e aos próprios jovens. O material tem como finalidade fornecer informações que auxiliem famílias, escolas e profissionais a tomarem decisões mais conscientes sobre o uso de telas na infância e na adolescência, considerando os variados contextos e realidades presentes no país.

Destaca-se que, para a primeira infância, o documento sublinha que esse período é marcado por transformações no desenvolvimento das crianças e que as interações presenciais, o brincar e a convivência são importantes nesse processo. Na sequência, o guia também sugere que, na Educação Infantil, o uso de dispositivos seja pensado de forma coletiva e contextualizada, e que a escola possa priorizar situações em que as crianças estejam envolvidas em atividades que mobilizem o corpo, a imaginação e a interação social.

Portanto, as respectivas propostas articulam-se com diretrizes nacionais, como a BNCC e as DCNEI, no momento em que também pleiteiam a importância das vivências corporais e das múltiplas linguagens no cotidiano das crianças pequenas. Ou seja, os referidos documentos estabelecem parâmetros para a integração das TDIC na Educação Infantil, além de orientarem sobre o uso pedagógico da tecnologia, a importância da formação docente e a necessidade de ampliação do acesso digital nas escolas.

Sendo assim, conforme deslindado ao longo deste subtítulo, a ampliação da presença tecnológica suscita relevantes indagações acerca de seus impactos sobre a aprendizagem, a socialização e o bem-estar das crianças, o que demanda uma reflexão crítica sobre o uso equilibrado e significativo desses recursos nos ambientes escolar e familiar. Nesse sentido, torna-se premente investigar de que maneira as práticas pedagógicas podem assegurar tal equilíbrio, com o fito de promover o desenvolvimento integral da criança.

Implicações das TDIC na educação infantil

O uso de tecnologias digitais na educação infantil não apenas reflete a realidade contemporânea, mas também pode oferecer oportunidades significativas de aprendizado, uma vez que essas ferramentas proporcionam acesso a uma vasta gama de recursos educacionais, que podem promover a colaboração, a criatividade e a comunicação entre os alunos. Além disso, o uso adequado desses recursos no contexto escolar pode ajudar a desenvolver habilidades essenciais para o século XXI, como o pensamento crítico, a resolução de problemas e a alfabetização digital.

Para Ramalho (2023), com a entrada cada vez mais precoce das crianças na escola, torna-se fundamental garantir apoios contínuos e adequados às suas necessidades, entre elas, observa-se o direito de brincar, já que essa prática é sua principal forma de expressão e de interação com o mundo. Nesse contexto, é importante considerar também as atividades lúdicas que envolvem o uso das tecnologias digitais, especialmente diante do crescente interesse por pesquisas sobre os novos hábitos dessa geração.

De acordo com Ticon (2020), na Educação Infantil ainda há uma resistência significativa à integração das TDIC, motivada por questionamentos sobre sua pertinência nesse meio, o que a diferencia de outros níveis escolares. No entanto, Bueno, Mazzafera e Santos (2023) argumentam que, diante das demandas hodiernas, é essencial que as práticas pedagógicas se alinhem ao século XXI, integrando metodologias ativas, recursos tecnológicos e o brincar.

Para essas autoras, essa combinação seria fundamental para promover o desenvolvimento integral da criança, estimulando seu protagonismo, autonomia, criatividade e competências essenciais. Contudo, elas alertam para a necessidade de considerar os limites do uso das tecnologias digitais no processo de ensino e aprendizagem de crianças de 0 a 5 anos, respeitando seu desenvolvimento. Ou seja, é substancial refletir sobre os limites e as potencialidades do uso das TDIC na Educação Infantil, com especial atenção à preservação e valorização das experiências corporais. Desse modo, torna-se evidente a necessidade de práticas pedagógicas que promovam tanto o acesso consciente às ferramentas digitais quanto o brincar, o movimento e a interação como elementos essenciais para a constituição da infância.

Queiroz e Rocha (2021), em sua pesquisa desenvolvida com crianças de quatro e cinco anos, abordaram o papel do *tablet* como mediador no ambiente escolar, por meio de interações, narrativas infantis e novas formas de aprendizado. Segundo as autoras, o uso da ferramenta potencializou o desenvolvimento infantil, possibilitando o compartilhamento de memórias, conhecimentos e afetos. O estudo ainda reforçou que o desenvolvimento infantil deve ser analisado em seu contexto social e cultural e que a interação das crianças com a tecnologia ocorre num processo contínuo de partilha e mediação.

Já Arruda e Scherer (2024) analisaram o uso das TDIC com crianças da Educação Infantil. O estudo foi conduzido em parceria com uma professora e sua turma de alunos com aproximadamente 4 anos de idade. Os resultados indicaram que as atividades com TDIC contribuíram para o desenvolvimento de competências e habilidades previstas no currículo da Educação Infantil. De acordo com as autoras, a experiência com o uso das tecnologias ampliou oportunidades de aprendizado, promovendo a exploração de emoções, a experimentação de diferentes linguagens e a construção coletiva do conhecimento.

O estudo de Freitas, Miranda e Garcia (2024), por sua vez, analisou como as práticas de Educação Ambiental podem transformar o brincar na Educação Infantil, evidenciando o papel das tecnologias digitais no cotidiano das crianças e sua influência na compreensão de recursos midiáticos. Para as autoras, a produção audiovisual realizada reforçou valores como amizade e harmonia, estimulando a curiosidade e a imaginação infantil.

De modo divergente, outras pesquisas analisadas em nossa investigação abordaram as implicações do uso das TDIC no desenvolvimento infantil, especialmente em aspectos como cognição, linguagem, socialização e criatividade. Esses estudos, ao considerarem os contextos escolar, familiar e social, ampliaram a compreensão sobre os impactos e as possibilidades das

tecnologias digitais na infância, além de oferecerem subsídios importantes para nossa pesquisa. A saber, seguem exemplificações.

Vasconcelos *et. al* (2023), em uma revisão sistemática sobre o impacto do uso excessivo de telas no desenvolvimento neuropsicomotor de crianças, verificaram que o uso desmedido de tecnologias dentro da faixa etária de 0 a 5 anos tem sido associado a consequências no desenvolvimento neuropsicomotor, incluindo atrasos na linguagem, redução dos níveis de leitura e de compreensão verbal, além de dificuldades de memória e na velocidade de processamento de informações. Segundo esses autores, a exposição prolongada às telas também pode comprometer a qualidade do sono e reduzir as interações sociais, favorecendo o isolamento e o surgimento precoce de problemas psicológicos, como a depressão.

Arruda *et al.* (2024), em sua revisão integrativa, analisaram os impactos do uso excessivo de telas eletrônicas na infância, com base em estudos publicados entre 2020 e 2023, cujo levantamento de dados foi realizado nas bases MEDLINE, PubMed e LILACS, considerando critérios de inclusão e exclusão específicos. Os resultados evidenciaram que a exposição prolongada às telas está associada a atrasos no desenvolvimento cognitivo e socioemocional, dificuldades de atenção, transtornos psicológicos e comprometimento da qualidade do sono. Além disso, os autores verificaram uma relação direta entre o tempo de tela e a prevalência de obesidade e transtorno obsessivo-compulsivo.

Destarte, como verificado até o momento, torna-se relevante a definição de limites para o uso desses dispositivos, além da implementação de alternativas de entretenimento que estimulem o desenvolvimento infantil. Em conformidade a Souza e Cantalice (2024), embora o acesso às tecnologias ofereça oportunidades para o desenvolvimento infantil, é necessário estabelecer limites quanto ao conteúdo e ao tempo de uso, conforme a idade, para evitar prejuízos à saúde. Logo, o monitoramento de pais, professores e profissionais da saúde é fundamental para garantir um uso adequado.

Em consonância com Souza e Cantalice (2024), Duarte, Santiago e Anjos (2025) enfatizam a urgência de refletir sobre o papel das TDIC na educação e de preparar as crianças para um uso responsável, considerando tanto os benefícios quanto os riscos. Além disso, eles ressaltam o desafio da formação docente, visto que muitos professores ainda encontram dificuldades para integrar essas tecnologias ao processo de ensino.

Portanto, como elucidado por Duarte, Santiago e Anjos (2025) o uso das tecnologias digitais na Educação Infantil continua gerando debates. Enquanto alguns defendem sua

inclusão como parte da formação das crianças, outros questionam seus impactos no desenvolvimento infantil.

Já a BNCC, por sua vez, enfatiza a cultura digital, reconhecendo o direito das crianças de explorarem e criarem com tecnologia de forma crítica e reflexiva, desde que esse uso seja mediado pelos educadores. No entanto, insta salientar que ela não aprofunda sua aplicação específica na infância, fato que exige investimentos na capacitação de professores e no diálogo entre escolas, famílias e sociedade.

Acerca desse impasse tecido até este momento do artigo, Autor 1, Autor2 e Autor 3 (2023) analisam que a inclusão das TDIC na educação traz tanto oportunidades quanto desafios, especialmente no que diz respeito ao desenvolvimento infantil. Ou seja, o uso excessivo de telas pode sim impactar negativamente a saúde física e mental das crianças, substituindo momentos importantes de interação, movimento e imaginação. Por isso, é fundamental que o uso dessas tecnologias ocorra de forma equilibrada, com supervisão e limites adequados por parte dos adultos, a fim de garantir experiências mais saudáveis e significativas no cotidiano infantil.

Desse modo, é possível refletir que as tecnologias digitais oferecem oportunidades significativas para a aprendizagem, como o desenvolvimento da criatividade, da interação e do aprendizado. Todavia, é importante igualmente avaliar os efeitos possíveis dessa exposição desde cedo.

Isso é, por um lado, as tecnologias têm o potencial de melhorar o ambiente educacional por meio da ampliação do acesso a uma variedade de recursos educacionais, fortalecendo o pensamento crítico dos alunos e facilitando o aprendizado de habilidades digitais que são essenciais para a vida moderna. Por outro, há preocupações sobre o acesso a conteúdo inapropriado e os efeitos de longo prazo na saúde física e emocional, além de o uso excessivo ou inadequado dessas ferramentas.

Por fim, todos os autores reconhecem o quanto é fundamental que pais, educadores e a sociedade em geral estejam atentos e proporcionem o equilíbrio no uso das tecnologias e nas atividades *off-line*, como brincar e interagir. Por último, cabe suscitar que a discussão não deve se limitar a ser a favor ou contra as TDIC na Educação Infantil, mas sim analisar como sua adoção pode ser feita de maneira equilibrada. Dessa forma, o desafio está em garantir que a tecnologia complemente, e não substitua, as interações humanas e o brincar, elementos essenciais para o desenvolvimento na primeira infância.

O corpo na Educação Infantil: expressão, cultura e aprendizagem

A aprendizagem acontece por meio da ação sobre os objetos e da interação com o ambiente, onde o movimento desempenha um papel central nesse processo, influenciando diretamente o desenvolvimento cognitivo. Autor 2 *et al.* (2015) explica que o corpo não é apenas um instrumento de ação, mas também um meio de comunicação e expressão. Para os autores, o desenvolvimento infantil tem nos movimentos corporais seu ponto de partida para a aprendizagem.

Por meio de diferentes jogos – como imitações e atividades de repetição –, a criança começa a explorar o próprio corpo, a descobrir-se e, gradualmente, a construir uma imagem de si mesma. Essa imagem corporal não corresponde exatamente à estrutura física do corpo, mas constitui uma construção subjetiva, elaborada a partir das impressões e percepções geradas pelas experiências vividas pela criança.

Ao considerar essa relação entre corpo e aprendizagem, Oliveira e Sgarb (2002) ressaltam que é por meio das interações que as crianças se inserem no mundo, apropriam-se das práticas culturais e constroem sua identidade. Esse processo ocorre em um contexto dinâmico e relacional, no qual o corpo atua tanto como um meio de expressão individual quanto como um elemento essencial na construção coletiva do conhecimento.

Nessa perspectiva, Porpino (2006) acrescenta que o corpo não se limita à sua função biológica, mas é um produtor de sentidos, gerando conhecimento e cultura a partir das interações sociais. Essa corporeidade se manifesta de diversas formas, como nas brincadeiras, danças, jogos e narrativas, permitindo que a criança compreenda a si mesma e o mundo ao seu redor. Por fim, esses autores reforçam que a corporeidade é um elemento cultural e social, manifestando-se por meio do brincar, da dança e de outras formas de expressão. Assim, o uso das tecnologias digitais na educação infantil não pode substituir experiências sensório-motoras essenciais para o desenvolvimento.

Outrossim, para Piaget (1973), o desenvolvimento intelectual se constrói a partir da ação, evoluindo conforme a criança interage com o meio. Ou seja, além de ser um canal de comunicação, o corpo também está diretamente ligado ao ensino e à aprendizagem na Educação Infantil. Em conformidade a essa premissa, estudos como os de Barbosa e Guérios (2021); Aguiar e Miranda (2023); e Reina (2023) indicam que atividades que envolvem movimento não apenas favorecem o desenvolvimento motor, mas também estimulam a criatividade, a socialização e o aprendizado significativo.

Oliveira e Sgarb (2002) ainda afirmam que o corpo da criança deve ser compreendido como espaço de interações sociais, históricas e culturais, uma vez que vivemos em um universo cultural diverso, cujas experiências cotidianas moldam nossa vivência. Portanto, a

Educação Infantil deve proporcionar oportunidades para que as crianças explorem e ressignifiquem suas relações com o mundo, ampliando suas formas de expressão.

Autor 2 *et al.* (2015), por sua vez, explicam que o espaço onde a criança expressa sua corporeidade é também o lugar onde ela se comunica, mostra sua subjetividade e se desenvolve de forma integral; reconhecer a importância dessa expressão envolve repensar práticas tradicionalmente utilizadas na Educação Infantil. Dessa forma, para que o trabalho com as crianças aconteça de forma significativa, é essencial um planejamento que tenha a ludicidade e a corporeidade como eixos centrais, favorecendo a construção do conhecimento sobre si mesma e sobre o mundo ao seu redor.

Por conseguinte, de acordo com Santos (2021), as experiências corporais são progressivas e contribuem para a autonomia da criança, à medida que ela desenvolve a percepção e o controle sobre seu próprio corpo, compreendendo seus limites e potencialidades. Isso significa que o corpo se torna um meio de expressão essencial, por meio do qual a criança manifesta sua compreensão de mundo, seus sentimentos e suas necessidades, utilizando diferentes linguagens para se comunicar e interagir com o ambiente ao seu redor

Dessa forma, como pode ser analisado, o corpo na Educação Infantil não é apenas um meio de aprendizagem, mas também um fim em si mesmo, pois é por meio dele que as crianças constroem sua relação com o mundo. Nesse sentido, a BNCC (2018) reconhece o corpo como um elemento fundamental no desenvolvimento infantil, com ele, por meio dos sentidos, gestos e movimentos, as crianças exploram o mundo ao seu redor, interagem com o espaço e os objetos e constroem percepções sobre o universo social e cultural, tornando-se conscientes de sua corporeidade.

Desse modo, o documento supracitado compreende a importância do corpo na educação infantil, enfatizando que as crianças aprendem e se expressam por meio de gestos, movimentos e interações com o meio e também estabelece, em seu texto, diretrizes que valorizam a expressão corporal e a interação como elementos fundamentais no processo educativo.

O desafio docente, portanto, é equilibrar o uso das tecnologias com experiências que estimulem a corporeidade, garantindo que as crianças tenham espaço para brincar, explorar e desenvolver-se plenamente. Logo, cabe ao educador criar oportunidades que permitam às crianças explorar suas potencialidades corporais, promovendo um desenvolvimento integral que respeite as especificidades da infância.

A respeito desse princípio, Autor 2 *et al.* (2015) verificaram que é fundamental investir na formação dos profissionais que atuam diretamente com as crianças, considerando uma abordagem que reconheça o corpo não apenas como instrumento do desenvolvimento cognitivo, mas também como lugar de aprendizagem. As autoras destacam que, embora os professores pesquisados possuam formação inicial, muitos ainda não compreendem a relevância de propostas que integrem a ludicidade à corporeidade. Ademais, observou-se que as atividades corporais desenvolvidas em sala de aula estavam, em sua maioria, limitadas ao traçado infantil, voltadas principalmente ao desenvolvimento da motricidade fina, com foco nas mãos, deixando de lado outras possibilidades expressivas e educativas do corpo.

Em reciprocidade a esse entendimento, Vale (2024) pontua que a reflexão do professor é essencial para o aprimoramento da prática pedagógica. Todavia, a formação inicial muitas vezes não o prepara plenamente para os desafios do cotidiano escolar. Diante disso, o autor defende a necessidade de uma formação continuada, em serviço, que estimule uma postura crítica e reflexiva. Essa formação, por sua vez, poderia permitir ao docente ressignificar sua prática por meio da troca de saberes com os colegas, especialmente no contexto da Educação Infantil, cujo espaço para atividades lúdicas com o corpo tem papel central.

Portanto, a discussão sobre as TDIC na educação infantil deve ir além da infraestrutura e da capacitação docente, abordando também as implicações para o desenvolvimento integral da criança. Isso infere sobre como o uso planejado e reflexivo das tecnologias pode enriquecer a aprendizagem, desde que respeite as especificidades da infância e seja mediado por educadores preparados para integrar diferentes linguagens e formas de expressão no processo educativo, atendendo, assim, à necessidade de garantir um equilíbrio entre o uso das tecnologias e as vivências corporais,

4 Considerações finais

O presente trabalho objetivou analisar documentos e estudos de como as tecnologias podem ser integradas às práticas pedagógicas na Educação Infantil, por meio de um equilíbrio entre a inovação tecnológica e as experiências corporais significativas. Em consonância com os autores analisados, verificou-se que a relação entre tecnologia, corporeidade e aprendizagem nessa etapa exige um olhar cuidadoso, pois embora as TDIC ofereçam oportunidades para enriquecer a educação, sua adoção deve ser planejada para garantir que complementem, e não substituam, as experiências concretas fundamentais ao desenvolvimento infantil.

Nesse contexto, as políticas educacionais igualmente cotejadas indicam avanços na inclusão das TDIC, mas também desafios, como a formação docente e a necessidade de infraestrutura adequada. Além disso, os estudos ponderam que o uso excessivo das tecnologias pode comprometer a socialização, a criatividade e a atenção das crianças. Portanto, o desafio não é apenas garantir o acesso à tecnologia, mas assegurar que seu uso seja significativo e equilibrado.

Sendo assim, é responsabilidade do Estado, da escola e dos educadores promoverem um ambiente que valorize tanto as TDIC quanto a corporeidade, assegurando um desenvolvimento infantil integral e equilibrado. Para tanto, é importante contar com orientações que auxiliem na tomada de decisões pedagógicas conscientes e bem fundamentadas. Nesse sentido, iniciativas, como o Guia sobre usos de dispositivos digitais (2025), desempenham um papel relevante ao oferecerem subsídios alinhados às necessidades do desenvolvimento infantil.

Por fim, ressalta-se, ainda, a importância de novas pesquisas que analisem a aplicação prática desse guia nos contextos educativos, a fim de avaliarem sua eficácia e contribuir para o aprimoramento das práticas docentes.

Referências

AJURIAGUERRA, J. de. **Manual de psiquiatria infantil**. São Paulo: Masson, 1980.

ANDRADE, A. V. R. de *et al.* O impacto negativo do tempo de telas em crianças: uma revisão sistemática. **Revista Contemporânea**, Caruaru, v. 4, n. 6, p. 1-21, 2024. DOI: <https://doi.org/10.56083/RCV4N6-077>. Disponível em: <https://ojs.revistacontemporanea.com/ojs/index.php/home/article/view/4669/3553>. Acesso em: 26 nov. 2024.

ARAUJO, C. de; RESZKA, M de F. O Brincar, as Mídias e as Tecnologias Digitais na Educação Infantil. **Universo Acadêmico**, Taquara, v. 9, n. 1, p. 175-191, jan./dez. 2016.

ARRUDA, C. M. dos P.; SCHERER, S. Um movimento de uso de Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação com crianças da Educação Infantil. **Perspectivas em Diálogo: Revista de Educação e Sociedade**, Naviraí, v. 11, n. 28, p. 380-393, 2024. DOI: <https://doi.org/10.55028/pdres.v11i28.21032>.

BARBOSA, P. R.; GUÉRIOS, E. Articulações entre educação matemática, brincadeiras e corpo em movimento na educação infantil na perspectiva da complexidade. **Revista Sergipana de Matemática e Educação Matemática**, Itabaiana, v. 6, n. 2, p. 165-181, 2021. DOI: <https://doi.org/10.34179/revisem.v6i2.16012>.

BIANCHINI, L. G. B. *et al.* O Silêncio do Corpo no Processo de Escolarização Infantil. **Revista de Ensino, Educação e Ciências Humanas**, Londrina, v. 16, n. 4, p. 290-295, 2015.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. **Resolução CNE/CEB nº 1, de 4 de outubro de 2022**. Define normas sobre Computação na Educação Básica, em complemento à Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Brasília, DF: MEC/CNE/CEB, 2022. Disponível em: <https://portal.mec.gov.br/docman/outubro-2022-pdf/241671-rceb001-22/file>. Acesso em: 11 maio 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular: Educação Digital, Tecnologias e Computação**. Brasília: MEC, 2022.

BRASIL. Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República. **Crianças, adolescentes e telas: guia sobre usos de dispositivos digitais**. Brasília, DF: Secom, 2025. Disponível em: <https://www.gov.br/secom/pt-br/assuntos/uso-de-telas-por-criancas-e-adolescentes/guia>. Acesso em: 28 maio 2025.

BRASIL. **Lei nº 14.533, de 11 de janeiro de 2023**. Institui a Política Nacional de Educação Digital e altera as Leis nºs 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), 9.448, de 14 de março de 1997, 10.260, de 12 de julho de 2001, e 10.753, de 30 de outubro de 2003. Brasília, DF: Presidência da República, 12 jan. 2023. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2023-2026/2023/lei/114533.htm. Acesso em: 19 jul. 2024.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - Lei n. 9394/96**. Brasília: MEC/SEF, 1996.

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil**. Brasília: MEC, 2010.

BRASIL. **Escolas Conectadas**. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/assuntos/noticias/escolas-conectadas>. Acesso em: 31 mar. 2025.

BRASIL. **Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014**. Aprova o Plano Nacional de Educação - PNE e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, jun. 2014. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/113005.htm. Acesso em: 03 maio 2025.

BRASIL. **PL nº 2.614/2024**. Aprova o Plano Nacional de Educação para o decênio 2024-2034. Brasília, DF: Câmara dos Deputados, 2024. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=2443764>. Acesso em: 28 mar. 2024.

BUENO, L. A.; MAZZAFERA, B. L.; SANTOS, A. R. de J. O brincar e a aprendizagem na educação infantil com o uso de recursos educacionais digitais. In: MAZZAFERA, B. L.; SANTOS, E. A. dos (org.). **Recursos educacionais digitais**. Londrina: Científica, 2023. p. 11-20.

CARBONERA, S. M. *et al.* O uso consciente da tecnologia como elemento essencial para uma inclusão sociodigital efetiva. In: WORKSHOP SOBRE AS IMPLICAÇÕES DA COMPUTAÇÃO NA SOCIEDADE, 1., 2020, Cuiabá. **Anais [...]**. Porto Alegre: Sociedade Brasileira de Computação, 2020. p. 37-48. DOI: <https://doi.org/10.5753/wics.2020.11035>

CAO, F.; SU, L. Internet addiction among Chinese adolescents: prevalence and psychological features. **Child: Care, Health and Development**, v. 33, issue 3, p. 275-281, 2007. DOI: <https://doi.org/10.1111/j.1365-2214.2006.00715.x>

CINTRA, S. C. **O Educar na Curiosidade no pensamento educacional de Catherine L'Ecuyer**. 2024. 129 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2024.

COELHO, P. M. F.; COSTA, M. R. M.; MATTAR NETO, J. A. Saber digital e suas urgências: reflexões sobre imigrantes e nativos digitais. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 43, n. 3, p. 1077-1094, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1590/2175-623674528>.

DESMURGET, M. **A fábrica de cretinos digitais: Os perigos das telas para nossas crianças**. São Paulo: Vestígio, 2022.

DI CARLO, F. *et al.* Connected minds in disconnected bodies: Exploring the role of interoceptive sensibility and alexithymia in problematic use of the internet. **Comprehensive Psychiatry**, v. 129, p. 1-8, fev. 2024. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.comppsy.2023.152446>.

DUARTE, J. F. G.; SANTIAGO, F.; ANJOS, C. dos. Tecnologias Digitais na Base Nacional Comum Curricular para a Educação Infantil: Diálogos entre Pesquisa e Extensão. **Revista Eletrônica Extensão em Debate**, Maceió, v. 14, n. 22, 2025. DOI: <https://doi.org/10.28998/10.28998/rexd.v22.18236> . Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/extensaoemdebate/article/view/18236/12630>. Acesso em: 03 maio. 2025.

FANG, K. *et al.* Screen time and childhood overweight/obesity: a systematic review and meta-analysis. **Child Care Health and Development**, v. 45, n. 5, p. 744-753, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1111/cch.12701>.

FERNANDES, P. A. **A importância do movimento na aprendizagem e no desenvolvimento da criança**. 2008. 55 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Faculdade de Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

FIGUEIREDO, T. **Meu primeiro celular: competência crítica em informação para crianças**. 2021. 189 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

FREITAS, E. V. P.; MIRANDA, P. S.; GARCIA, N. M. O uso das tecnologias na educação infantil: práticas educativas ambientais pela via do interacionismo. **Anais CIET:Horizonte**, São Carlos, SP, v. 7, n. 1, p. 1-11, 2024. Disponível em: <https://ciet.ufscar.br/submissao/index.php/ciet/article/view/2650/2668>. Acesso em: 03 maio 2025.

INTERNET chega a 74,9 milhões de domicílios do país em 2024. **Agência IBGE Notícias**. 24 jul. 2025. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/44031-internet-chega-a-74-9-milhoes-de-domicilios-do-pais-em-2024>. Acesso em: 25 fev. 2025.

KISHIMOTO, T. M. **O jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. São Paulo: Cortez, 2007.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de Metodologia Científica**. São Paulo: Atlas, 2003.

L'ECUYER, C. **Educar na curiosidade: a criança como protagonista da sua educação**. 2. ed. Lisboa: Planeta Portugal, 2023.

MARAGNI, C. V. **Exposição excessiva às telas e suas consequências para o desenvolvimento infantil**. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) – Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2022.

MIYASHITA, C. *et al.* Cross-sectional associations between early mobile device usage and problematic behaviors among school-aged children in the Hokkaido Study on Environment and Children's Health. **Environmental Health and Preventive Medicine**, v. 28, p. 1-11, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1265/ehpm.22-00245>.

MULLER, J. C.; FANTIN, M. Mediações familiares e escolares entre crianças e tecnologias digitais. **Pro-Posições**, Campinas, v. 33, p. 1-26, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1590/1980-6248-2020-0085>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pp/a/KgLKTBdYvNtw4jwdG4zKB7N/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 15 ago. 2024.

NICOLAU, V. R.; BIANCHINI, L. G. B.; DUTRA, A. Uso do Pensamento Computacional para o ensino de lateralidade na Educação Infantil. In: CARVALHO, A. A. A. *et al.* (org.). **6º Encontro Internacional sobre Jogos e Mobile Learning**. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2023. p. 153-161.

NICOLAU, V. R. *et al.* A promoção das competências digitais desde a Educação Infantil: perspectivas da UNESCO e BNCC. In: ENCONTRO DE ATIVIDADES CIENTÍFICAS, 27., 2024. **Anais [...]**. Londrina: UNOPAR, 2024. (Evento online). Disponível em: <https://eac.pgsscogna.com.br/anais.html>. Acesso em: 31 maio 2025.

OLIVEIRA, I. B. de; SGARBI, P. (org.). **Redes culturais, diversidade e educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

OTTO, P. A. **A importância do uso das tecnologias nas salas de aula nas séries iniciais do Ensino Fundamental I**. 2016. 18 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Pós-graduação em Educação na Cultura Digital) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

PAIVA, N. M. N.; COSTA, J. S. **A influência da tecnologia na infância: desenvolvimento ou ameaça?** 2015. Disponível em: <https://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0839.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2024.

PASCHOAL, J. D. Educação digital na infância: reflexões sobre os direitos das crianças na era das conexões. **Educação em Análise**, Londrina, v. 8, n. 2, p. 206-223, 2023. DOI: 10.5433/1984-7939.2023v8n2p206. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/educanalise/article/view/48747>. Acesso em: 20 mar. 2024.

PEMPEK, T. A.; KIRKORIAN, H. L.; ANDERSON, D. R. The effects of background television on the quantity and quality of child-directed speech by parents. **Journal of Children and Media**, v. 8, issue 3, p. 211-222, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1590/1980-6248-2020-0085>. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/epdf/10.1080/17482798.2014.920715?needAccess=true>. Acesso em: 01 fev. 2022.

PIAGET, J. **A formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho, imagem e representação**. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

PORPINO, K. de O. **Dança é educação: interfaces entre corporeidade e estética**. Natal: Editora da UFRN, 2006.

PRENSKY, M. Digital Natives, Digital Immigrants. **On the Horizon**, v. 9, n. 5, p. 1-6, oct. 2001. Disponível em: <https://www.marcprensky.com/writing/Prensky%20-%20Digital%20Natives,%20Digital%20Immigrants%20-%20Part1.pdf>. Acesso em: 01 fev. 2024. DOI: <https://doi.org/10.1108/10748120110424816>.

QUEIROZ, M. A.; ROCHA, M. S. P. de M. L. da. Pela tela de um tablet: tecnologias digitais na Educação Infantil. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 21, n. 71, p. 1941-1966, 2021. DOI: <https://doi.org/10.7213/1981-416X.21.071.AO05>.

RAMALHO, V. **A brincadeira com as tecnologias digitais e o seu impacto no desenvolvimento infantil**. 2023. 28 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2023.

RAMÍREZ-CORONEL, A. A. *et al.* Retraction Note: Childhood obesity risk increases with increased screen time: a systematic review and dose-response meta-analysis. **Journal of Health, Population and Nutrition**, v. 42, p. 1-14, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1186/s41043-023-00432-z>. Disponível em: <https://link.springer.com/content/pdf/10.1186/s41043-022-00344-4.pdf>. Acesso em: 05 maio 2025.

REINA, I. A. **O movimento na educação infantil: importância das atividades motoras para o desenvolvimento integral das crianças**. 2023. 79 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2023.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA. Saúde da Criança e Adolescentes na Era Digital. **Manual de Orientação**, São Paulo, n. 1, p. 1-13, out. 2016. Disponível em:

https://www.sbp.com.br/fileadmin/user_upload/2016/11/19166d-MOrient-Saude-Crian-e-Adolesc.pdf. Acesso em: 20 jan. 2022.

SOUZA, L. L. Q. de; CANTALICE, V. M. O impacto da tecnologia no desenvolvimento infantil. **Contribuciones a las Ciencias Sociales**, v. 17, n. 12, p. 1-15, 2024. DOI: <https://doi.org/10.55905/revconv.17n.12-058>. Disponível em: <https://ojs.revistacontribuciones.com/ojs/index.php/clcs/article/download/12421/7273/35966>. Acesso em: 31 mar. 2025.

TICON, S. C. da S. **Atividades plugadas e desplugadas na Educação Infantil no aprendizado do pensamento computacional**. 2020. 154 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Novas Tecnologias Digitais na Educação) – Centro Universitário Carioca, Rio de Janeiro, 2020.

VASCONCELOS, Y. L. C. *et al.* O impacto do uso excessivo de telas no desenvolvimento neuropsicomotor de crianças: uma revisão sistemática. **Revista Foco**, Curitiba, v. 16, n. 11, p. 1-18, 2023. DOI: <https://doi.org/10.54751/revistafoco.v16n11-078>.

VALE, M. do P. S. D. do. Formação continuada do docente para trabalhar ludicidade na educação infantil. **Revista Internacional de Estudos Científicos**, Vitória, v. 2, n. 1, p. 65-80, 2023. DOI: <https://doi.org/10.61571/riec.v2i1.146>.

VEIGA, A. B. da. **Produção de Recursos Educacionais Digitais para o Ensino técnico em audiovisual**. 2019. 35 f. Monografia (Especialização em Inovação e Tecnologias em Educação) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2019. Disponível em: http://riut.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/19615/1/CT_INTEDUC_I_2019_07.pdf. Acesso em: 20 jan. 2023.

Artigo recebido em: 31/05/25 | Artigo aprovado em: 10/03/26 | Artigo publicado em: 06/07/26